



ISSN 1981 - 3031

A PERCEPÇÃO DA IDENTIDADE NO PROJETO EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ETNICORRACIAIS DO CAMPUS DO SERTÃO - UFAL.

Rafaela da Costa Oliveira (UFAL)
Valmira Nascimento Peixoto (UFAL)

RESUMO

Trata-se de um relato de experiência do curso Educação para as relações etnicorraciais do projeto Óde Ayé de extensão da UFAL, Campus do Sertão. Este projeto é uma ação que busca subsidiar o estudo e a implementação da Lei 10.639/03 no currículo da educação básica, envolvendo os alunos regularmente matriculados nos cursos de Licenciatura do Campus Sertão e Professores de Educação Básica da Escola Estadual de 1º e 2º Graus Watson Clementino de Gusmão Silva que abriga o Campus Sertão, no objetivo de promover a afirmação das identidades e a produção de material voltado para a educação das relações etnicorraciais na educação básica. Neste projeto estão sendo trabalhados como conteúdos programáticos: os fundamentos históricos e sócio-culturais dos conceitos de raça, etnia, classe e cultura; a Lei 10.639/03 e os instrumentos regulatórios; a análise do projeto político pedagógico da escola envolvida e a produção de material didático sobre o tema trabalhado. Validade social deste estudo é contribuição para a afirmação das identidades, na medida em que os as discussões e os estudos são realizados.

I – A CHEGADA NO PROJETO

A experiência no curso Educação para as relações etnicorraciais do projeto Óde Ayé de extensão da UFAL, Campus do Sertão iniciou com o atendimento ao convite da

Coordenadora, a Professora Mônica Regina Nascimento dos Santos, que solicitou uma redação que expressasse nosso conhecimento inicial sobre o tema. Com a entrada no projeto, verificou-se que nossa percepção sobre as questões etnicorraciais precisavam ser ampliadas, por estarmos mergulhadas num contexto de discriminação e pouca reflexão sobre as causas e conseqüências do processo discriminatório sobre as subjetividades. A leitura e discussão de autores como SANTANA (2001), SILVA (2001) e SILVA (2004), entre outros, nos fizeram perceber a importância do aprofundamento nesta temática.

II – NOSSAS EXPECTATIVAS

Esperamos a partir deste projeto, alcançar uma visão diferenciada sobre assuntos relacionados ao povo negro ao qual também fazemos parte, e mais que isso, saber lidar com situações de preconceitos e discriminações contra os negros, índios ou outros que também são mal retratados e mal vistos perante a sociedade.

Quando presenciamos situações discriminatórias e excludentes, principalmente sobre o negro que apresenta traços mais realçados da negritude, geralmente não sabemos o fazer ou o que dizer, e na maior parte das vezes calamos. Esse silêncio tem conseqüências graves. Não dar um basta é quase admitir que esses casos sejam normais, tudo isso por falta de preparação e de segurança na percepção da identidade. Mas o que fazer? Fazer o mesmo que os agressores, agredir verbal ou fisicamente pode resolver? Sabemos que não.

Saber lidar com situações discriminatórias e principalmente ter argumentos sólidos, saber se posicionar com firmeza, ou seja, buscar ter a preparação que antes não era requerida aos profissionais da educação, sabendo como defender o lado oprimido, conhecendo seus feitos heróicos, que infelizmente não é visibilizado na sociedade, é o maior desafio na condição de estudantes e iniciantes no percurso da auto-afirmação e do reconhecimento da negritude.

Aceitar-nos como negras, não querer disfarçar nossas características mais visíveis, como o cabelo crespo, e mais que isso ver o nosso assemelhado como alguém com capacidades iguais a de qualquer outra pessoa, onde as feições diferentes são apenas mais uma opção de beleza se constitui em etapas essenciais dessa longa caminhada de educação das relações humanas, com foco para as relações étnicas.

III – AS AÇÕES REALIZADAS

O desenvolvimento deste projeto tem proporcionado para a Universidade o cumprimento do Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Etnicorraciais e para o ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana (2009), que no item 5.2 das Instituições de Ensino Superior, com base na Resolução CNE/CP 01/2004, preconiza, para as Universidades, o desenvolvimento “nos estudantes de seus cursos de licenciatura e formação de professores as habilidades e atitudes que os permitem contribuir para a educação das relações etnicorraciais com destaque para a capacitação dos mesmos na produção e análise crítica do livro, materiais didáticos e paradidáticos que estejam em consonância com as Diretrizes Curriculares para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africanas e com a temática da Lei 11.645/08” (2009, p. 39).

Em nossa participação neste projeto, verificamos que o nosso conhecimento sobre o tema foi ampliado. A partir dos textos lidos, percebemos, durante as aulas do curso que todos nós podemos ter ideias pré-concebidas a cerca de tudo, ou de outra pessoa, porém, esboçar essa ideia de modo a denegrir a imagem, ou inferiorizar alguém, é que faz de nós, pessoas preconceituosas no sentido pejorativo do termo. As reuniões de planejamento e estudo, também contribuíram para ampliar nosso horizonte em relação ao contexto em que estamos inseridas: família, universidade entre outros, todos eles marcados e atravessados pelo racismo, machismo, homofobia entre outras formas depreciadoras das subjetividades.

O fato de estarmos debatendo conteúdos como etnia, raça e gênero com professores da Educação Básica e da Universidade contribui para enriquecer nossa apropriação dos conceitos estudados, pela diversidade de experiências e dos contatos diferenciados, dessas pessoas com o tema. As atividades de pesquisa propostas nos colocam em contato com autores que desvelam a realidade brasileira, onde o racismo é tido como invisível, mesmo quando temos a certeza de sua existência.

IV – A PERCEPÇÃO DE IDENTIDADE.

O estudo da identidade tem sido para nós a maior gratificação até agora, na medida em que nos descobrimos como negras: objetivamente, por nossas características

físicas, e subjetivamente pela opção que temos feito de nos reconhecer enquanto tal. Isto tem um significado importante em virtude de, ao longo de nossas vidas, nos contextos familiares e escolares termos nos deparado com situações depreciativas que depunham negativamente contra nossa subjetividade e, segundo SILVA:

Os estereótipos influenciam negativamente a autopercepção das pessoas, desde que essas pessoas pertençam a grupo ao qual se atribuam características desumanizadas e estigmatizadas. (SILVA, 2004, p. 47).

Nesse sentido, nossas características singulares, ao invés de representar mais uma opção de beleza, nos tornavam, ao contrário estigmatizadas. Precisamos combater as relações que referendam os estereótipos por estes se constituírem num “eficaz instrumento de internalização da ideologia do branqueamento”. (Idem, p. 47).

Nossa condição de graduandas de cursos de licenciatura nos impõe uma responsabilidade maior na problematização do estigma que é disseminado na educação básica, sobretudo, “por meio do livro didático” (SILVA, 2004), pois, o “professor é o principal mediador dos estereótipos veiculados no livro didático” (SILVA, 2004 p. 73).

No entanto, para cumprir este papel de mediador, é necessária a existência, na escola, de um professor que:

saiba utilizar o livro didático como instrumento de reflexão crítica, uma vez que solicitar às instituições governamentais a revisão do livro, denunciar junto aos pais e professores seu conteúdo e o de outros materiais pedagógicos, e mesmo não usar o livro, nos parece constituir, no momento, apenas estratégias de denúncia e de organização para o enfrentamento do problema.(SILVA, 2004, p. 73-74).

A escola, por sua vez, ao lidar com o problema costuma fazê-lo por meio de iniciativas isoladas de professores, sem encará-lo, desde o início, como uma problemática a ser enfrentada por todos. As “propostas partem de um professor em especial, geralmente negro, mas, em alguns casos, acabam atingindo, envolvendo, senão toda a escola, pelo menos uma parte significativa dela” (SANTANA, 2001, p. 41).

Não é fácil, contudo, tratar de temas como estigma e estereótipo na escola, pela resistência dos próprios alunos, muitas vezes “os professores se negam a trabalhar, pois, não se sentem à vontade, parecem temer a reação do aluno negro, prefere não ‘mexer na ferida’”. (SANTANA, 2001, p. 47).

A resistência de professores e alunos não deve significar impedimentos para o trabalho, pela escola, de desconstrução dos estereótipos e afirmação das identidades. Da mesma forma, a problematização do machismo é mais um desafio a ser superado na escola, uma vez que a menina negra será a mulher potencialmente afetada, por ser mulher e por negra. Na sociedade brasileira, “o padrão predominante nas relações sociais foi construído tendo como base os homens e, conseqüentemente, as mulheres ficaram relegadas a um segundo plano”. (SILVA, 2001, p. 55).

V - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A afirmação da identidade deve ser algo a ser perseguido na sociedade como um todo, e na escola em particular. Esse projeto, educação para as relações etnicorraciais tem nos feito perceber a importância não apenas do fortalecimento de nossa subjetividade, nos vendo como negras que somos, mas, sobretudo, a necessidade de discutirmos o tema nos espaços onde atuamos, no sentido de contribuímos para o afloramento de relações humanizadas e livres de conceitos baseados em estereótipos.

REFERÊNCIAS

PLANO NACIONAL DE IMPLEMENTAÇÃO DAS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ETNICORRACIAIS E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFROBRASILEIRA E AFRICANA, disponível em www.mec.gov.br.

DIRETRIZES CURRICULARES PARA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANAS, disponível em www.mec.gov.br.

SANTANA, Patrícia Maria de Souza. Rompendo as barreiras do silêncio: projetos pedagógicos discutem relações raciais em escolas municipais de Belo Horizonte. In: SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; PINTO, Regina Pahim (Orgs.). **Negro e educação: presença do negro no sistema educacional brasileiro**.

SILVA, Ana Célia da. A discriminação do negro no livro didático. 2ª Salvador: EDUFBA, 2004.

SILVA, Júlio da Costa. Raça e gênero na trajetória educacional de graduandas negras da Unicamp. In: SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; PINTO, Regina Pahim (Orgs.). **Negro e educação: presença do negro no sistema educacional brasileiro**.